

www.iea.usp.br



Instituto de
Estudos
Avançados da
Universidade de
São Paulo

DESTAQUES

junho/julho
2013

*IEA reúne pesquisadores
para debater as manifestações
nas ruas do país*

*Encontro em Londres
trata de parcerias com a
Rainforest Continent
Business School*

*Evento em parceria com
Universidade Princeton discute
o racismo em Cuba e no Haiti*



UTI Brasil

A primeira iniciativa do Laboratório Sociedades Contemporâneas do IEA é a *UTI Brasil*,* uma série de encontros para debater os movimentos sociais que tomaram conta das ruas do Brasil e também de algumas cidades do mundo em junho.

A série dedicada ao significado e impacto dessas manifestações teve início no dia **21 de junho**, com o debate *O Que Está Acontecendo?*, que envolveu 14 pesquisadores e despertou grande interesse do público e da imprensa. Esse evento foi o primeiro debate público sobre as manifestações promovido por uma universidade brasileira.

A série teve continuidade no dia **3 de julho** com o encontro *Como Avançar?*, no qual quatro especialistas foram entrevistados por pesquisadores do Instituto sobre aspectos ligados a três questões principais:

- as medidas e decisões adotadas e propostas pelos governantes e pelo Legislativo respondem às aspirações das manifestações populares das últimas semanas?
- é viável um pacto político, econômico e social nacional?
- é possível uma reforma política significativa que reduza o déficit de representatividade, amplie os mecanismos de democracia participativa e traga maior transparência ao sistema político-eleitoral?

<http://www.iea.usp.br/pesquisa/laboratorios/sociedades-contemporaneas>



Programação

21 de junho, 11 horas

O QUE ESTÁ ACONTECENDO?

- [Notícia — "O IEA debate manifestações na rua"](#)
- [Síntese — "As manifestações nas ruas em debate"](#)
- [Vídeo — Fotos](#)
- [Artigo de Bernardo Sorj](#)
- [Comentário de Alfredo Bosi](#)
- [Participações do público](#)

3 de julho, 11 horas

COMO AVANÇAR?

- [Notícia — "Novo encontro de pesquisadores trata dos efeitos das manifestações"](#)
- [Programa do encontro](#)
- [Síntese — "Os significados e consequências de um movimento de movimentos"](#)
- [Comentário de Maria Lúcia Montes](#)
- [Vídeo — Fotos](#)
- [Participações do público](#)
- [Notícia — TV USP exibirá programa sobre debate realizado pelo IEA](#)

COBERTURA DA IMPRENSA

* O nome *UTI Brasil* foi empregado pelo professor Euclides Ayres de Castilho, da Faculdade de Medicina da USP e ex-conselheiro do IEA, para classificar o esforço de reflexão necessário para a compreensão do momento atual do país e a busca de soluções para os problemas apontados pelas manifestações populares.

IEA debate manifestações nas ruas

O IEA, que sempre dedicou parte de seus esforços acadêmicos para a análise das instituições e para o debate de propostas relevantes para o desenvolvimento econômico, social e cultural do país, e em particular no tocante às políticas públicas, não poderia deixar de contribuir na reflexão interdisciplinar sobre o que esse movimento, que tomou as ruas de grandes cidades brasileiras e também de algumas no exterior, significa para o presente e o futuro do Brasil.

Foi com esse fim que o Instituto realizou, no dia **21 de junho**, o debate "O Que Está Acontecendo?", tendo como debatedores pesquisadores vinculados ao Instituto, entre os quais [Massimo Canevacci](#), [José Álvaro Moisés](#), [Alfredo Bosi](#), [Sergio Adorno](#), [Bernardo Sorj](#), [José da Rocha Carneiro](#), [Arlene Clemesha](#), [Nicolas Lechopier](#), [Lucia Maciel Barbosa de Oliveira](#) e [Sylvia Dantas](#). A moderação será de [Renato Janine Ribeiro](#), com relatoria de [Alexey Dodsworth Magnavita](#).

CONTEXTO

Iniciadas em Porto Alegre e depois expandidas para Natal, São Paulo e Rio de Janeiro, as manifestações contra reajustes das tarifas dos transportes urbanos configuraram no dia 17 de junho um movimento reivindicatório de abrangência nacional, com manifestações em uma dúzia de capitais e uma pauta que passou a incluir reivindicações por melhoria nos serviços públicos de saúde e educação, protestos contra a mídia, o questionamento dos gastos com estádios para a Copa do Mundo, o fim da corrupção e a recusa da Proposta de Emenda Constitucional 37, que reduz os poderes de investigação do Ministério Público, entre outras demandas.

Os manifestantes são em sua maioria jovens estudantes, articulados principalmente pelas várias ramificações do Movimento Passe Livre (MPL), que defende redução e até mesmo eliminação das tarifas do transporte público das cidades. A eles se somaram integrantes de outros movimentos sociais e pessoas comuns. Os integrantes do MPL dizem-se apartidários, regidos por uma ordem não hierarquizada e usuários das novas tecnologias de comunicação, sobretudo as chamadas redes sociais, como ferramentas de mobilização e divulgação de ideias e acontecimentos. Muitos dizem que o Brasil agora acordou e que querem mudá-lo.

Governantes, parlamentares, analistas políticos e jornalistas tentam interpretar o movimento, sua emergência, objetivos e perspectivas. Os comentários falam de uma "mudança de vento" na política brasileira, reflexos de uma crise de representatividade, consonância com movimentos de outros países, busca de protagonismo além daquele possível nas redes sociais e outras motivações.

O que está acontecendo?

SÍNTESE DO ENCONTRO

IEA aceitou o desafio de refletir sobre a história no momento em ela se faz. No dia **21 de junho**, 14 pesquisadores vinculados ao Instituto se reuniram no evento *O Que Está Acontecendo?*— primeiro debate público realizado por uma universidade brasileira sobre as recentes manifestações nas ruas do país.

O evento deu início à série de encontros *UTI Brasil*, do [Laboratório Sociedades Contemporâneas](#) do IEA, voltada para a discussão do significado e do impacto desse momento de efervescência política. Os debatedores foram [Massimo Canevacci](#), [José Álvaro](#)

[Moisés](#), [Alfredo Bosi](#), [Sergio Adorno](#), [Bernardo Sorj](#), [José da Rocha Carvalheiro](#), [Jorge Luiz Campos](#), [Arlene Clemesha](#), [Nicolas Lechopier](#), [Lucia Maciel Barbosa de Oliveira](#), [Sylvia Dantas](#) e [Alexey Dodsworth Magnavita](#) (também relator), todos vinculados direta ou indiretamente ao IEA. A moderação ficou a cargo de [Renato Janine Ribeiro](#).

Os principais temas abordados no debate foram a imprevisibilidade das manifestações; uma possível crise da representação e da democracia; a saída do país de um estado de passividade; o sentimento de tédio como fator de motivação; a emergência de valores conservadores nos protestos; o clamor por direitos básicos, particularmente por transporte público, saúde e educação; o protagonismo da violência; a falta de foco das reivindicações; e a urgência de uma reinvenção política. Abaixo estão as opiniões dos participantes sobre esses e outros temas.

A voz dos participantes

IMPREVISIBILIDADE / ESPONTANEIDADE

"O modelo inaugural disso é o maio de 68 francês. Nós temos nesse quase meio século movimentos que surgem sem a gente saber o que vai surgir e quando vai surgir. Esses eventos são de certa forma grandes

[Encontro da Série UTI Brasil do Laboratório Sociedades Contemporâneas](#)

[VÍDEO](#) — [FOTOS](#)



surpresas. Acontecimento em inglês é happening, e happening em português é justamente esse movimento único, sem ensaio prévio, sem diretor de cena e sem repetição, uma singularidade que geralmente se conota pela festa e alegria." — **Renato Janine Ribeiro**

"Esse tipo de movimento – principalmente da juventude urbana e metropolitana – tem a característica, agora e também no passado, de ser baseado no improviso, na explosão espontânea, de não ter uma liderança ou um partido político para dirigir. Essa espontaneidade é, em grande parte, baseada num tipo de qualidade de vida da juventude, da movimentação, do movimentar, do transitar. A possibilidade de se mover no espaço urbano é fundamental para essa juventude." — **Massimo Canevacci**

"Esse movimento é construído, mas a adesão é espontânea e finalmente massiva. Isso é muito parecido com o que aconteceu lá [na primavera árabe]. Também no Egito falava-se muito que não se esperava um movimento, que a população estava morta, adormecida, e de repente ela vai para ruas." — **Arlene Clemesha**

"Compartilho apenas em parte o ponto de vista de que o movimento nasceu do tédio e tem uma dimensão espontânea. Os líderes do Movimento Passe Livre estão há oito anos levantando essa bandeira, propondo manifestações e colocando em debate uma questão extremamente importante, que é o modelo de política pública de transporte nas grandes metrópoles brasileiras, inteiramente fracassado. Então eu acho que o movimento não é inteiramente espontâneo." — **José Álvaro Moisés**

PARTICIPAÇÃO POLÍTICA

"Esses movimentos têm seus mártires, seus mortos, mas mesmo assim têm um elemento forte de festa e de inserção de não participantes no espaço público." — **Renato Janine Ribeiro**

"O movimento teve essa capacidade de detonar um estopim que de alguma maneira mobilizou, levou as pessoas às ruas, levou as pessoas a perceberem, particularmente a juventude, que têm a possibilidade de intervir no país, que, se querem influir, essa é a oportunidade de participar." — **José Álvaro Moisés**

"Temos vontade de participação política. Mas não há uma cultura política. Ou seja, a questão da educação política é fundamental nas escolas." — **Alexey Dodsworth Magnavita**

"A favor da livre manifestação pública, portanto a favor da livre expressão de valores em si democráticos – este me parece um ponto consensual dos analistas. Governo, imprensa, universidade e todas as instâncias envolvidas no processo são (ou ficaram) unânimes no reconhecimento do direito de manifestação de segmentos da população. É um ganho que convém realçar em primeiro lugar." — **Alfredo Bosi**

DESDOBRAMENTOS

"As consequências de um acontecimento vão muitíssimo além das suas causas, muitíssimo além dos 20 centavos, nesse caso". — **Renato Janine Ribeiro**

"É uma incógnita os rumos que isso vai tomar. De qualquer forma, tivemos aí certa catarse. Mas penso que os movimentos que têm um percurso, uma reflexão, uma elaboração – e isso é distinto das manifestações catárticas – com certeza vão poder direcionar esses

rumos, vão poder recuar, questionar, para novamente direcionar." — **Sylvia Dantas**



"O movimento fazer um balanço do que já conseguiu até agora implica na possibilidade, na capacidade de examinar o conjunto de temas que apareceram nas diferentes manifestações e, de alguma maneira, entender como organizar essas novas demandas e de que maneira elas podem se transformar em elementos de continuidade do movimento." — **José Álvaro Moisés**

TÉDIO

"A diferença do Brasil é que as manifestações acontecem em ambiente absolutamente democrático, ao contrário do que aconteceu na Tunísia, no Egito e em outros lugares onde também há esse detonador. Talvez o problema, para nós, não seja tanto a opressão, seja até mesmo o tédio." — **Renato Janine Ribeiro**

TRANSPORTE PÚBLICO / TARIFAS

"O que está acontecendo? É a pergunta prioritária, pois exprime o sentimento de perplexidade de que fomos tomados em face de um movimento de tamanha proporção, não só aparentemente, mas explicitamente dirigido como protesto pelo aumento de 20 centavos nas tarifas de ônibus da cidade. Quem está se manifestando são jovens que estão tendo oportunidade de, talvez pela primeira vez, protestar maciçamente contra o que lhes parece abuso do poder estatal em um dos itens vitais do cotidiano, que é o valor das tarifas de transporte público." — **Alfredo Bosi**

"É um movimento de jovens que têm uma história e que têm um propósito muito claro, muito objetivo, voltado para a questão do transporte público. Então é um movimento que começa com um objetivo muito claro. Mas alguns falam: 'Mas apenas 20 centavos? Reles 20 centavos?' Somos um país de extrema

desigualdade: o gasto com transporte público para grande parte da população significa 30% do seu orçamento. Isso é algo para lá de absurdo. Esse aumento no orçamento de uma população que ganha um salário mínimo é tremendo. A gente precisa tocar num ponto: os lucros das grandes empresas de transporte. Essa conquista do não aumento traz a questão das grandes corporações (...) porque as grandes corporações é que gerem o sistema mundial. (...) Quando se fala aqui do transporte, está se atacando uma das corporações que têm grande força neste país, em detrimento da população." — **Sylvia Dantas**

"[A gratuidade do transporte] não é um detalhe, porque há coisas que não deveriam ter preço. E o mundo do crescimento econômico não deixa espaço para a gratuidade. Eu diria que essa reivindicação do transporte talvez seja mais fundamental do poderíamos pensar." — **Nicholas Lechopier**

"A coisa mais importante que deveria ser abolida agora, não só em São Paulo, é a catraca no ônibus. (...) É um absurdo que, para entrar no ônibus, eu tenha que passar por uma catraca". — **Massimo Canevacci**

CRISE DA DEMOCRACIA / CRISE DA REPRESENTAÇÃO

"Esse é um aspecto fundamental: a democracia puramente formal e representativa em termos eleitorais está em crise, e o seu descrédito merecido exige alguma resposta, ainda que difusa e insuficientemente articulada." — **Alfredo Bosi**



"O que está acontecendo é um enorme mal-estar com a democracia que temos no Brasil. Esse mal-estar está relacionado com a qualidade da democracia (...). Provavelmente a área de maior déficit é a da representação. Os partidos estão muito mais preocupados em chegar ao poder e nele se manter do que propriamente em estabelecer e manter conexões com os eleitores (...). Os partidos fracassaram, inclusive os partidos que nasceram dos movimentos sociais, como foi o caso do PT (...) Na dinâmica do presidencialismo de coalizão que vigora no Brasil, os partidos são chamados a compor a grande coalizão que governa e que portanto tem uma lógica de se manter no poder custe o que custar, mesmo que seja ao custo da corrupção (...). Não houve um líder de partido no Brasil, da situação ou da oposição que dissesse qual é a sua posição em relação às demandas que estão nas ruas e o que os partidos propõem em relação a elas. Mais grave do que isso foi o fato de que nenhum presidente do parlamento brasileiro, nem o presidente do congresso nem da câmara, nem o líder do governo nem o da oposição, vieram a público para estabelecer uma conexão. Essa ausência de

conexão cobra um preço da democracia brasileira e daí o mal-estar que nós estamos vivendo." — **José Álvaro Moisés**

"Atualmente, ninguém quer se representado. Existe um conflito entre quem tem o poder de representar e quem tem o poder de ser representado. A autorrepresentação está destruindo o sistema de divisão comunicacional do trabalho – que era baseado na dimensão industrialista, do passado – e afirmando um novo tipo de subjetividade muito pluralizada, que não quer mais delegar a ninguém a força de se representar, de se narrar. Durante esse tipo de manifestação – e esse é o lado mais lindo para mim – não houve ninguém falando num comício público, com microfone. Eu acho isso fundamental, porque é baseado num tipo de afirmação crescente da autorrepresentação." — **Massimo Canevacci**

"Torcidas organizadas, gente da periferia dizendo: estamos cansados de ser explorados, temos uma mensagem a dar e nenhum partido político nem nenhum grupo está respondendo a isso." — **Arlene Clemesha**

"De acordo com a avaliação da "The Economist", o Brasil ocupa uma posição democrática, mas ainda não é uma democracia plena, pois existem pontos que são delicados para nós. Por exemplo, tiramos uma nota muito alta no critério pluralismo partidário e notas muito baixas em dois critérios que chamam atenção: participação política e cultura política". — **Alexey Dodsworth Magnavita**

PASSIVIDADE E CATARSE

Nós estávamos tomados por um estado de melancolia (...), de que as coisas estão tão complexas, de que somos tão impotentes que não há como sair disso. E de repente essas manifestações começam a acontecer aqui, no nosso país, em que todos achavam que nossa juventude estava alienada e que todos estávamos tomados por uma passividade muito grande. De repente a população vê os jovens se manifestando e também quer se manifestar, porque é vida, porque significa sair desse estado de certo sonambulismo, uma anestesia pela qual todos estavam tomados. Outros jovens, então, começam a participar desse movimento. É um momento de catarse, em que as pessoas estão colocando para fora a vivência de uma dissonância cognitiva (...) em que sua percepção da realidade não está de acordo com o que é dito. E o que é dito? Que somos a 7ª economia do mundo, que estamos melhorando, que a classe média está se expandindo, coisas muito positivas que são colocadas e propagandeadas." — **Sylvia Dantas**

"No Egito, Tunísia, nos países árabes – terríveis ditaduras – a população teve que romper a barreira do medo. E aqui a população rompeu a barreira da apatia." — **Arlene Clemesha**

DIREITOS BÁSICOS

"O acesso à saúde, à educação, aos direitos básicos nos são negados, são o tempo todo ultrajados. As nossas instituições estão esfaceladas. Essa contradição que todos vivem no dia-a-dia foi trazida à tona, elas podem ter uma voz". — **Sylvia Dantas**

"A questão dos 20 centavos parece um detalhe, mas não é. Ela seja talvez de maior importância política porque o transporte público é um bem de base, como a saúde, a água, a alimentação saudável. Acho importante também ressaltar esse o transporte não é uma questão qualquer." — **Nicholas Lechopier**

"As manifestações têm um gatilho e têm outras reivindicações que aparecem, e a área da saúde é tratada de uma maneira superficial. E ela tem que ser tratada de uma maneira global e local (...). O movimento tem que focar mais. Essa é uma questão que tem que ser pensada. E eu reivindico que um foco importante seja direcionado à área da saúde (...). Que não seja obrigatoriamente único, mas que seja explicitado de uma maneira muito clara." — **José da Rocha Carneiro**

"Não se trata de um problema de manifestação da presidente, mas de como o governo, no seu conjunto, vai tomar as pautas, os temas que aparecerem, como propostas de solução dos problemas que estão colocados, particularmente no que diz respeito às políticas públicas mais importantes: saúde, educação." — **José Álvaro Moisés**



REINVENÇÃO POLÍTICA

"Houve uma interrupção da comunicação política entre os atores, que é um elemento fundamental na ação política. Quer dizer, não havia mais a possibilidade de estabelecer um canal de comunicação ou vias aceitáveis de comunicação (...). Nós estamos atravessando um novo momento de interrupção dessa comunicação. Isso significa um exercício de reinvenção política (...). Ou seja, os canais que são considerados legitimamente aceitos, de expressão, de reivindicação, de participação, de alguma maneira parecem esgotados. Ou parecem insatisfatórios. Há todo um exercício de encenação política, de pôr essa insatisfação,

essa efervescência, num espaço público de grande audiência e de grande visibilidade". — **Sergio Adorno** (*Relacionando, no início, as manifestações atuais e a invasão da Reitoria da USP em 2007.*)

"Talvez esse seja o momento de os partidos e as instituições tão desacreditadas ouvirem o que as pessoas estão tentando dizer e fazerem esse exercício de reinvenção política. A gente está precisando urgentemente dessas instituições de outra maneira, reinventadas. Do jeito que elas estão, o descrédito só tenderá a crescer." — **Lucia Maciel Barbosa de Oliveira**

VIOLÊNCIA

"E contra, obviamente, a repressão policial, aspecto que nos inquieta a todos, pois a presença indesejada de grupos dispostos ao vandalismo provoca um endurecimento perigoso das forças de segurança." — **Alfredo Bosi**

"Não é essa juventude paulistana ou carioca que, olhando Istambul, imagina imitar. Eu acho que foi o contrário: na minha fantasia, foi a polícia paulistana, foi Haddad e Alckmin que imitaram e tentaram replicar o que aconteceu na Turquia, em Istambul." — **Massimo Canevacci**

"Houve uma violência da polícia, que todos nós recusamos, criticamos, e que de certo modo foi um grande detonador. E aí nós pudemos refletir: para muitos isso rememorou os acontecimentos da ditadura, para outros a ideia de que a polícia é sempre violenta e, portanto, tem que ser combatida. O discurso que conecta violência e protesto político está sendo requalificado. Até os anos 70, ele era legítimo, ou seja, a violência estava ligada ao fim da opressão, com os movimentos de descolonização, com a ideia de que a violência era um instrumento da política. O que a gente assiste a partir dos anos 70? O tempo todo uma desqualificação da violência, quer dizer, a violência não é um meio da política, a violência é a não-política. Parece que agora está havendo uma tentativa de retomar a questão da violência como um lugar da política." — **Sergio Adorno**

"A violência que foi mencionada tem um significado muito forte, por mais assustador e negativo que seja em muitos momentos. É realmente uma voz oprimida rompendo, e ela precisa ser ouvida. Há também muitas denúncias, similares ao que aconteceu no Egito, de que bandidos pagos estão Isso pode estar acontecendo." — **Arlene Clemesha**

"A gente tem um momento pontual que é o da violência da polícia militar (...). A violência muda tudo. No outro ato já havia 65 mil pessoas em São Paulo, inclusive aquelas que estavam reclamando que a ordem estava sendo atrapalhada." — **Alexey Dodsworth Magnavita**

CONSERVADORISMO / DIREITA

"Ontem houve agressão física por parte de pessoas participantes do movimento: a quem estava com bandeiras, a quem fazia parte de movimentos sociais já com uma trajetória histórica, a homossexuais, enfim, acho que houve uma guinada conservadora ontem bastante preocupante." — **Lucia Maciel Barbosa de Oliveira**



"Minha preocupação agora é com o fascismo (...). A gente foi hackeado pela mídia, pela Direita, e todo mundo foi para a rua. E aí a coisa saiu de controle. Como não tem pauta, todo mundo levou o desejo contido de protestar contra tudo e contra todos. E agora temos que controlar o monstro que colocamos na rua." — **Jorge Luiz Campos**

"Após todo esse início, que teve aspectos muitos positivos, começam a aparecer grupos oportunistas – uma direita, um movimento fascista (...). Corre-se o risco que eles usurpem a própria aparência para o público geral e a própria condução e direção para onde esse movimento vai. E é nesse vácuo de compreensão, de comunicação que esses movimentos fascistas estão aparecendo e tomando a liderança de um movimento que surgiu tão bonito." — **Arlene Clemesha**

"Começa-se a perceber os sinais de cooptação do movimento (...), começa-se a notar que há uma aproximação de outras pautas (...). Começa-se a notar uma fagocitação do que o Movimento Passe Livre pretendia por movimentos extremamente conservadores (...). São pessoas usando a imagem obtida pelas manifestações para passar uma mensagem de golpe. Isso é muito perigoso. O Movimento Passe Livre fez o que tinha que fazer. Ocupou o espaço público, se manifestou, se expressou ao notar que estão tentando manipulá-lo, que estão tentando usá-lo. O que o Movimento faz? Se retira, faz muito bem. Para quê? Para que esses oportunistas de carteirinha voltem para onde nunca deveriam ter saído." — **Alexey Dodsworth Magnavita**

DIVERSIDADE DAS REIVINDICAÇÕES

"São movimentos que vão muito além do que o que os convocou e nos quais se projeta numa tela tudo que a sorte deseja, inclusive de caráter contraditório. Daí sucede também que com frequência o resultado lhes seja subtraído". — **Renato Janine Ribeiro**

"Se a gente olhar as manifestações, cada um tem o seu cartaz. Ainda que cada cartaz reflita um sentimento coletivo, ele é uma leitura singular de uma experiência coletiva, de uma comunicação política interrompida. Eu acho que essa experiência precisa ser pensada, quer dizer, o que ela quer, aonde ela quer chegar, e porque essa recusa desses mecanismos." — **Sergio Adorno**

"Para poder de alguma maneira prosseguir na reivindicação e no significado que teve inicialmente, o movimento tem que definir outras metas extremamente objetivas, tal como a meta de baixar de R\$ 3,20 para R\$ 3,00. Será necessário definir metas dessa natureza." — **José Álvaro Moisés**

"Esse movimento é elaborado pelo Movimento Passe Livre, ou seja, é iniciado com uma pauta clara. Dizer que é difuso, que não se sabe o que quer, isso é depois. Mas o movimento nasce com uma pauta muito objetiva." — **Alexey Dodsworth Magnavita**

"Tem foco: o foco do Passe Livre é o passe livre, em outro foco vai ser outro movimento. Agora, a pauta da corrupção é uma pauta da direita infiltrada, é uma pauta genérica. Não se discute corrupção; se discute casos de corrupção." — **Jorge Luiz Campos**

ESPAÇO PÚBLICO / ECOLOGIA

"Um elemento que não foi falado aqui e que me parece fundamental é a ideia de retomada do espaço público, a ideia do direito à cidade como espaço de encontro, de confronto (...). Não é à toa que as pessoas vão para a rua, não basta só estar conectado pela internet." — **Lucia Maciel Barbosa de Oliveira**

"A gente aqui faz um link entre o movimento no Brasil e o movimento na Turquia, bastante recentes. Os dois têm uma questão inicial que trata dos nossos modos de viver, do meio ambiente, da questão da urbanização, da mobilidade, do transporte. Isso não é um acaso. Há uma ligação forte entre os novos movimentos sociais e a questão da ecologia, sem se reduzir à dimensão ecológica." — **Nicholas Lechopier**

"As pessoas que reclamam do movimento acham que manifestar contra alguma coisa é reunir os estudantes no Masp, cantar "Coração de Estudante" e soltar uma pomba da gaiola. Mas não é assim. Para realizar um movimento que cause uma transformação, é preciso perturbar a ordem. Se não perturbar a ordem minimamente – não quer dizer praticar violência ou vandalizar o patrimônio público ou privado –, não causa o impacto necessário." — **Alexey Dodsworth Magnavita**

ECONOMIA

"Uma coisa comum [entre o movimento no Brasil e outras primaveras] é a insuficiência do crescimento econômico para construir um sentido comum, como meta coletiva de nossa vida em sociedade. Talvez a

chave de interpretação seja a característica perigosa do crescimento econômico infinito (...), o problema é a questão da economia, do papel do dinheiro, e aí eu estou voltando à questão do transporte e da gratuidade do transporte." — **Nicholas Lechopier**

Participantes

DEBATEDORES



Alfredo Bosi
(IEA e FFLCH)



Arlene Clemesha
(IEA e FFLCH)



Bernardo Sorj
(IEA e UFRJ)



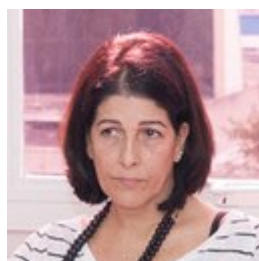
Massimo Canevacci
(IEA e La Sapienza)



José Álvaro Moisés (IEA,
FFLCH e NUPPS)



**José da Rocha
Carvalho**
(IEA e Fiocruz)



**Lúcia Maciel Barbosa
de Oliveira**
(IEA e ECA)



Sílvia Dantas
(IEA e Unifesp)



Nicholas Lechopier
(IEA e ENS de Lyon)



Sérgio Adorno
(IEA, FFLCH e NEV)



**Renato Janine
Ribeiro** (FFLCH)

MODERADOR



**Alexey Dodsworth
Magnavita** (FFLCH)

DEBATEDOR/RELATOR

Segundo encontro de pesquisadores trata dos efeitos das manifestações

As medidas e decisões adotadas e propostas pelos governantes e pelo Legislativo respondem às aspirações das manifestações populares das últimas semanas? É viável um pacto político, econômico e social nacional? É possível uma reforma política significativa que reduza o déficit de representatividade, amplie os mecanismos de democracia participativa e traga maior transparência ao sistema político-eleitoral?

Essas questões constituíram o eixo temático do encontro *Como Avançar?*, segundo da série [UTI Brasil](#), do Laboratório Sociedades Contemporâneas, ocorrido no dia **3 de julho**, na Sala de Eventos do IEA.

Depois do diagnóstico preliminar da situação proporcionado por 14 expositores no encontro [O Que Está Acontecendo?](#), realizado no dia 21 de junho, desta vez, quatro entrevistados foram questionados sobre a reação que as manifestações ocasionaram nas esferas governamentais, legislativas, nos partidos políticos, nas centrais sindicais, entidades estudantis e outras organizações sociais.

Os entrevistados foram [André Singer](#), [Maria Lúcia Montes](#), [Eugenio Bucci](#) e [Matheus Preis](#). Os entrevistadores, todos vinculados ao IEA, foram: [Sergio Adorno](#), [Renato Janine Ribeiro](#), [Bernardo Sorj](#), [Hernan Chaimovich](#), [Eda Tassara](#), [Pedro Jacobi](#), [Lúcia Maciel Barbosa de Oliveira](#), [Graziela Kunsch](#), [Martin Grossmann](#), [Arlene Clemesha](#) e [Renato Corrêa Baena](#).

Cada entrevistado respondeu a três perguntas e cada entrevistador formulou apenas uma questão. A parte final foi dedicada a perguntas do público e considerações finais de todos os participantes. A mediação estará a cargo de Martin Grossmann, diretor do IEA.

[Encontro da Série UTI Brasil do Laboratório Sociedades Contemporâneas](#)

[VÍDEO](#) — [FOTOS](#)



Como Avançar?

SINTESE DO ENCONTRO

As manifestações que eclodiram em junho nas capitais de vários estados, em Brasília e em centenas de outras cidades brasileiras, a partir das reivindicações pela redução das tarifas de transporte público em muitas delas, mexeram não só com o clima político, mas também com a percepção de governantes, parlamentares, imprensa e cientistas sociais sobre o grau de insatisfação de parcelas significativas da sociedade.

Diante da ampliação do número e tamanho das manifestações a partir de 17 de junho, naquela mesma semana, no dia 21, o IEA organizou um encontro com uma dúzia de seus pesquisadores para uma reflexão abrangente sobre o significado dos protestos.

O Que Está Acontecendo? foi o título daquele primeiro debate e a tônica das intervenções foi a tentativa de interpretar as motivações e o perfil dos movimentos participantes dos protestos, sobretudo do Movimento Passe Livre (MPL), e das parcelas da população que aderiram às manifestações (assista ao [vídeo](#) leia a [síntese](#) das intervenções).

Com a redução das tarifas de transporte em várias cidades e o fim da Copa das Confederações da Fifa, motivadora de vários protestos na cidades-sede do jogos, as manifestações diminuíram de frequência e amplitude. Nesse momento, o IEA decidiu realizar um segundo debate, *Como Avançar?*, no dia 3 de julho, para uma avaliação das perspectivas para as questões sociais e políticas trazidas à tona pelas manifestações.

No novo encontro, as dúvidas sobre como definir esse movimento de movimentos persistiram. Destacou-se que todos ainda precisam cultivar certa humildade analítica diante de fatos tão surpreendentes. Na rodada final de exposições os participantes apresentaram suas opiniões sobre como a sociedade deve avançar em resposta às reivindicações dos manifestantes.

Diferentemente do primeiro debate, quando 14 pesquisadores expuseram suas opiniões sobre as manifestações, no segundo, foram convidados quatro entrevistados: o cientista político André Singer, professor da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH), o jornalista Eugênio Bucci, professor da Escola de Comunicações e Artes (ECA), o estudante Matheus Preis, integrante do MPL, e a antropóloga Maria Lúcia Montes, professora aposentada da FFLCH.

As perguntas aos quatro ficaram a cargo de Sergio Adorno, Renato Janine Ribeiro, Eda Tassara, Bernardo Sorj, Hernan Chaimovich, Pedro Jacobi, Lúcia Maciel Barbosa de Oliveira, Graziela Kunsch, Arlene Clemesha, Renato Corrêa Baena e Martin Grossmann, que também moderou o encontro.

Janine iniciou a entrevista com uma pergunta a Maria Lúcia (ambos participaram via rede) sobre as similitudes das manifestações atuais com aquelas de maio de 1968 em Paris, vivenciadas pela pesquisadora. Na resposta que enviou por escrito ainda durante o encontro, Maria Lúcia disse ver diferenças e semelhanças nos dois episódios: “A diferença é o foco e a orientação claramente de esquerda lá, indefinida aqui; a semelhança é o problema da organização, falho lá e, pelo visto por enquanto, também aqui”.

A outra pergunta de Janine foi para Singer, sobre a situação do lulismo diante dos acontecimentos. Para Singer, o lulismo não fica completamente superado pelo que está acontecendo, “em parte, porque é um tipo de política voltado para o que chamo de subproletariado, uma camada da população de baixíssima renda, que não está nas manifestações e que continua precisando muito dos programas sociais que foram implantados”. No entanto, disse que uma coisa comum a todos os presentes nas manifestações é necessidade de melhoria



dos serviços públicos, que implicará em mais gastos públicos, ao mesmo tempo em que há uma pressão do chamado mercado para a restrição desses gastos: “Isso apresenta um enorme desafio para o lulismo, um desafio novo que não sei como será enfrentado”.

Arlene Clemesha quis saber de Bucci que ideias a mídia em geral e as redes sociais via internet têm apresentado em resposta à crise de representatividade.

Bucci considera que o que há de novo nas manifestações é a forma: “Esses movimentos aprenderam a falar a linguagem do espetáculo”. O uso do Hino Nacional e da bandeira brasileira configura, segundo ele, a apropriação de signos de forma típica à da linguagem do espetáculo, com os manifestantes se dirigindo às câmeras e sabendo disso. Ele comentou que o mercado publicitário deu sinais de que a cobertura das manifestações foi um fenômeno digno de nota de audiência, disputando com transmissões dos jogos da Copa das Confederações.

Eda Tassara perguntou a Preis a que ele atribuía a gênese da corrupção e se há uma esperança em relação a esse problema. Preis disse que o MPL não assume a bandeira contra a corrupção, pois a considera uma pauta abstrata, sem um objetivo prático que leve o poder público a fazer alguma coisa: “Todo mundo é contra

a corrupção, mas o que é preciso fazer para acabar com ela?”. Preis aproveitou para comentar a linguagem do espetáculo mencionada por Bucci. No seu entender, há uma unidade de forma nas manifestações, mas não é a do espetáculo e sim a da ação direta sobre o funcionamento da cidade, “na medida em que o bloqueio de ruas permite mudar o funcionamento da cidade e têm-se o poder de dialogar de forma mais horizontal com o poder estabelecido”.

Bernardo Sorj (que também participou do encontro via rede) fez sua pergunta Singer, sobre o que pode ser feito para recuperar uma tradição crítica que na última década se perdeu, “que caiu num ufanismo sobre o Brasil indo cada vez melhor e num pensar que o cidadão restringe suas demandas a temas puramente econômicos”. Singer disse que o ufanismo mencionado por Sorj é uma avaliação equivocada dos últimos dez anos e que não compartilha dela: “Estamos num processo de reformismo fraco, ou seja, há mudanças no Brasil que vão no sentido da redistribuição da renda, mas é uma mudança lenta, sobretudo em face da desigualdade existente”. Para ele, ainda que haja a questão dos valores, o problema econômico e da desigualdade continua sendo central. Por outro lado, Singer disse concordar com Sorj sobre o quanto a ciência social precisa avançar e com o comentário de Eda Tassara sobre a necessidade de os acontecimentos serem abordados com muita humildade intelectual.

Adorno disse identificar nas manifestações uma nova linguagem, na qual a violência está de alguma forma incorporada. Ele quis saber de Preis como o MPL viu a questão da violência, se há nela a busca de uma nova legitimidade. Preis disse que a violência nas manifestações é de uma minoria, mas que não vê nela uma violência ilegítima, que possa ser repreendida em algum sentido: “A violência é uma representação de que existe um conflito, que o que está sendo feito contra a população não é justo e a população não aceita e vai revidar. Infelizmente, essa análise mais filosófica e política sobre a violência não foi tratada pelos meios de comunicação”.

Lucia Maciel tratou do papel dos intelectuais (“se é que eles têm algum, num exercício como esse de reinvenção política”) na sua pergunta a Bucci. Este disse que uma das constatações mais constrangedoras sobre a avalanche de protestos é a de que as lideranças consolidadas foram todas atropeladas pelas massas, com partidos, sindicatos e até ONGs correndo atrás para mostrar algum serviço. “Onde estavam essas lideranças e, por extensão, onde estavam os intelectuais? Por que os intelectuais se ocuparam tanto tempo em proteger o poder? Quanto melhor o poder, mais potente deve ser a crítica dos intelectuais. A questão de problematizar talvez tenha sido negligenciada. Esse movimento é um chamamento, de um lado, para o anacronismo das velhas estruturas de poder e, por outro, para a acomodação da atividade intelectual.”

A pergunta de Chaimovich a Singer foi se uma hipótese sobre o silêncio do ex-presidente Lula seria a de que talvez estivesse se articulando com o movimento sindical “para tornar-se novamente o herói de 1978, com vistas às eleições de 2014”. Singer considerou muito importante a convocação pelas centrais sindicais de um Dia de Luta em 11 de julho, por ter sido uma decisão unitária e, assim, inédita. Quanto ao ex-presidente, disse não acreditar que ele esteja articulando ações como o Dia de Luta com o objetivo de um retorno à disputa eleitoral: “Em função dos resultados de pesquisa, é evidente que o nome dele está colocado, porque a queda da aprovação do governo Dilma e de todos os Executivos foi muito grande. A depender como essa situação evoluir, o nome do ex-presidente estará mais colocado ainda. Mas não tenho a menor condição de avaliar se ele aceitaria uma candidatura”.



Graziela Kunsch perguntou a Preis se ele consideraria outra composição e outra função para o novo Conselho Municipal de Trânsito e Transporte, de caráter consultivo, criado pela Prefeitura de São Paulo dois dias antes do debate, com 39 membros: 13 de órgãos municipais; 13 ligados aos operadores do transporte (sindicatos e associações) e 13 representantes da sociedade civil a serem eleitos por voto direto. Preis disse que uma proposta que atenderia aos desejos da população seria a criação de um conselho deliberativo com maioria de membros da população. Para ele, o conselho criado pelo prefeito Haddad representa uma tentativa da Prefeitura de proteger o caráter de mercadoria do transporte.

Baena dirigiu sua pergunta a Singer, se a proposta de reforma política apresentada pela presidente Dilma poderia resolver o problema da representatividade política e possibilitar o combate à corrupção e à desigualdade social. Singer disse acreditar que a reforma política possa ajudar no controle da corrupção, “pois uma de suas causas é a questão do financiamento das campanhas, extraordinariamente caras e financiadas pelo poder econômico, que não dá esse dinheiro à toa, vai cobrar depois”. Ele crê também na possibilidade que uma reforma promova “uma representação mais autêntica, menos influenciada pelo poder econômico, que avance na justiça social, desde que o Congresso Nacional se torne menos conservador”.

Jacobi comentou que os movimentos sociais urbanos das décadas de 70 e 80 permitiram o surgimento da democracia participativa, que depois foi incorporada na Constituição de 88, e perguntou a Singer como ampliar os mecanismos de participação. Para Singer, está na hora de retomarmos as experiências daquela

época, como no caso do orçamento participativo: “Existe até uma proposta de um sistema nacional de orçamento participativo e de um sistema nacional de participação popular”.

A pergunta de Grossmann foi para Bucci e tratou do fato de os movimentos no Brasil e no mundo apontarem para uma virtualidade difícil de analisar dos pontos de vista social, antropológico e cultural, num quadro que parece indicar o ingresso em algo que possa ser chamado de uma nova natureza. Bucci respondeu que os movimentos trazem um novo lugar dentro do discurso da cidade, “problematizam, provocam curtos circuitos ou entopem as artérias”. Dessa forma, segundo Bucci, ao ordenamento da vida social soma-se uma segunda natureza, uma natureza artificial, e o enfrentamento de signos ganha materialidade: “Há um transbordamento, não da esfera pública, mas de outra categoria do mundo da vida diretamente na cena política. Questões pessoais, privadas, da intimidade, indignações muito subjetivas ganham a cena, atropelando as mediações conhecidas da esfera pública”.

PERGUNTAS DO PÚBLICO

Cláudia Moraes, da Unesp de Marília, perguntou a Preis se o MPL avaliou as transgressões à pauta inicial das manifestações e se existe a possibilidade de uma institucionalização do movimento. Preis disse que o movimento conseguiu o que queria, a revogação do aumento das tarifas de transporte, e agora se recolheu para construir um novo processo: “Ganhamos a luta. Não dá simplesmente para colocar outra pauta artificialmente. Não é assim que o movimento funciona. Vamos continuar na nossa luta por tarifa zero, pela municipalização do transporte e pela gestão popular”.

Adami Campos quis saber de Singer qual a postura que os partidos políticos devem adotar, diante da crise de representatividade, para solucionar o vácuo entre Estado e sociedade. Para Singer, o que os partidos deveriam fazer é um processo de reflexão e de transformação no sentido de desburocratização, de desprofissionalização e de abertura real para os movimentos de base, mas disse não estar otimista quanto a isso, “porque na verdade os



partidos cumprem funções eleitorais e governativas que estão funcionando, então acho difícil que eles façam essa operação, mas é o que deveriam fazer. Mas entre o que deveria ser feito e o que vai ser feito existe a realidade”.

Gustavo Venturi, da FFLCH, indagou a Bucci se a crise da representatividade também atinge a mídia corporativa e se os ataques a veículos de emissoras e manifestações contra repórteres não refletem isso. Bucci disse que, sem dúvida, foi contraditória a série de contatos que os movimentos tiveram com a imprensa, indo da solidariedade aos jornalistas que foram vítimas da violência policial à repulsa a organizações de mídia, no caso de peruas de emissoras depredadas e incendiadas. “Não há dúvida que, numa certa perspectiva, representantes da grande imprensa representam também o poder, ou, de alguma maneira, o pacto prevalecente, e sofrem agressões. De outro lado, quem abasteceu essas pessoas de informação foi uma combinação de vivências práticas, no caso do transporte, e investigações levadas a cabo por jornalistas.”

AVALIAÇÕES E PROPOSTAS

Na última parte do encontro, entrevistados e entrevistadores apresentaram suas considerações finais, muitas delas sobre as perspectivas para o país depois das manifestações e sobre as atitudes a serem adotadas por vários segmentos da sociedade.

Sorj encerrou sua participação dizendo identificar uma unidade nos movimentos: “Queremos um país mais descente”. Caracterizou o momento como de luta por um nacionalismo renovado, cívico. “O Brasil melhorou nos últimos 20 anos, mas essa melhoria não trouxe uma identificação com o sistema político, com as instituições.”

Para o avanço na questão do transporte público em São Paulo, Graziela Kunsch defendeu três ações: apoio ao anteprojeto de lei sobre a tarifa zero, que precisa de 500 mil assinaturas para ser apresentado à Câmara de Vereadores; um conselho municipal deliberativo sobre a tarifa com uma composição enxuta e encarregado de definir a planilha de custos; e a substituição do atual secretário dos Transportes Jilmar Tatto, “porque as ações e declarações dele sugerem que ele tenha uma relação intensa com empresários do setor”.

A horizontalidade é o fator unificador dos movimentos que ganharam as ruas, na opinião de Arlene Camecha. Esse fator reivindica um novo paradigma de ação política, segundo ela, que indagou se “a proposta de reforma política não está justamente falhando na medida em que não conseguiu interpretar esse movimento, pois está sendo proposta da forma mais vertical possível, a partir de uma proposta da Presidência”.

Três aspectos chamam a atenção de Adorno: a impossibilidade de explicações convencionais está sendo um desafio também para os intelectuais, que precisam “sair do comodismo em que estavam de aplicar sua sabedoria aos fatos”; a necessidade de retomada de um tema clássico, que é o da coragem cívica, pois “as

manifestações mostraram que há vozes no subsolo da sociedade que precisam ser escutadas e que irromperam de uma maneira cívica”; a encenação política, “mais do que a espetacularização citada por Bucci”: “Um conjunto de manifestantes com máscaras é como um coro de teatro, e tem de ser analisado o papel do coro, que é o da crítica, de anunciar o fim dos tempos, de anunciar novos tempos. E, em termos de encenação, só vejo três saídas: tragédia, drama ou comédia”.



Jacobi defendeu que os governos deem transparência à sua política, já que há lobbies poderosos e contratos bilionários relativos a transporte e resíduos sólidos. Defendeu também o fortalecimento dos mecanismos da democracia participativa, para que se saiba “de onde vem o dinheiro e como gastá-lo”. No âmbito da universidade e dos atores públicos, Jacobi espera que se trabalhe mais a questão da aprendizagem social e do diálogo entre os

diferentes atores sociais.

Baena disse não acreditar que possa surgir uma nova forma de fazer política e de representação: “Nos, civilizados, temos de achar que o caminho é institucional e que podemos melhorar as instituições que temos. Acredito que devemos investir na reforma política e que ela não é só uma questão de financiamento de campanhas. Nunca experimentamos o voto distrital, nunca fizemos outras aproximações com nossos representantes, que precisam ser experimentadas no Brasil, além de uma discussão próxima do orçamento”.

“Temos dificuldade em entender o que está acontecendo no plano das imagens e no plano das estratégias”, afirmou Eda Tassara. No plano das imagens, ela acredita que estamos assistindo a “uma nova forma de arte performática urbana, onde as pessoas se customizam e tentam representar coisas que não estão muito claras, mas que refletem os temas da mídia de massa via mídia das redes. É quase um dadaísmo underground que trabalha as problemáticas políticas”. Para ela, a representatividade e a participação não funcionam porque há uma permeabilidade do sistema político a interesses que não são os da representação da sociedade, mas sim interesses estratégicos de determinados setores.

Para Lucia Maciel, as manifestações devem ser pensadas a partir de um movimento global: “Fala-se de maio de 68 como uma matriz de uma nova forma de fazer política, mas acho que a década de 90 foi rica em movimentos contra a globalização neoliberal, como os Dias de Ação Global, o Movimento Zapatista e outros eventos que não fazem parte das nossas reflexões. Ali já havia uma nova matriz política, de ação direta, da

vida performática, da perda da seriedade da política, do uso da internet. Ali havia germes fundamentais para entendermos o que está acontecendo hoje”.

Hernan Chaimovich defendeu maior participação da USP nos debates sobre as questões de interesse da sociedade: “Esta universidade tem uma responsabilidade que lhe cabe em função do respeito ao contribuinte paulista. Ou a USP começa a falar como estamos falando hoje, ou o pretense papel do intelectual não se tornará uma realidade política. Por outro lado, não posso deixar de dizer que Occupy Wall Street teve um fim melodramático, ou seja, deu em nada. E esse é uma possibilidade que não foi tratada aqui”.

Preis defendeu a ampliação dos espaços de participação direta da população, como os conselhos de bairros e questionou o papel da imprensa: “Que serviço ela tem prestado à sociedade ao abafar todas as manifestações políticas dos movimentos de contestação da ordem que ocorrem diariamente no país? A gente vai precisar levar centenas de milhares de pessoas à rua para barrar esse embargo midiático?” Ele defendeu também a desmilitarização da polícia.

Singer disse manter sua posição inicial de perplexidade diante dos acontecimentos e que a possibilidade, aventada por Chaimovich, de tudo terminar subitamente não é absurda, “porque realmente há uma característica desses movimentos convocados pelas redes sociais: eles são fáceis de convocar, mas são menos organizados, menos permanentes”. Destacou que ou a sociedade se organiza, ou os avanços não vão acontecer, mas que é preciso analisar com bastante cuidado as linhas de avanço possíveis para acelerar esse processo: “Embora eu compreenda que estamos em face de novas realidades, insisto que as velhas divisões de classe, sobretudo num país como o Brasil, continuam sendo muito importantes”.

Para Bucci, o envelhecimento dos partidos políticos no Brasil tem a ver com uma rendição das máquinas partidárias à atuação como administradoras de métodos mais ou menos corruptos, tornando-se máquinas eficientes dentro de um sistema de agenciamento de interesses indevidos. Ele defendeu a diminuição de privilégios dos políticos, a admissão de outras formas de representação que não os partidos, “por mais que eles sejam necessários”, e a mensuração da qualidade de prestação do serviço público.

Participantes

ENTREVISTADOS



Eugenio Bucci
(ECA e ESPM)



Maria Lúcia Montes
(FFLCH)



André Singer
(FFLCH)



Matheus Preis
(MPL)

ENTREVISTADORES



Arlene Clemesha
(IEA e FFLCH)



Bernardo Sorj
(IEA e UFRJ)



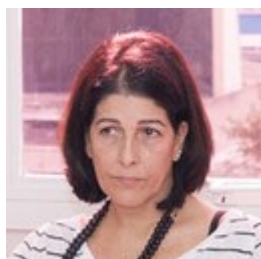
Eda Tassara
(IEA e IP)



Hernan Chaimovich
(IEA e IQ)



Pedro Jacobi
(IEA e FE)



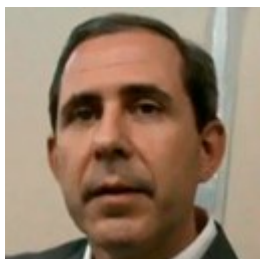
**Lucia Maciel Barbosa
de Oliveira** (IEA e ECA)



Sérgio Adorno
(IEA e FFLCH)



Graziela Kunsch
(ECA e TarifaZero.org)



Renato Corrêa Baena
(FM)



Renato Janine Ribeiro
(IEA e FFLCH)



Martin Grossmann (IEA),
moderador

Cobertura da imprensa

O Que Está Acontecendo?

- [Folha de S.Paulo Online](#): "Direito de manifestação foi reconhecido, diz crítico Alfredo Bosi em debate na USP"
[21/6/2013](#)
- [GloboNews](#): "Reunião na Universidade de São Paulo discute motivos e rumos das manifestações"
[21/6/2013](#)
- [O Povo](#): "Pesquisadores — Protestos são importantes, mas não se sabe no que vão resultar"
[21/6/2013](#)
- [A Tribuna](#): "Pesquisadores destacam a importância dos protestos, mas desconhecem resultados"
[21/6/2013](#)
- [TV Brasil](#): "USP debate protestos"
[21/6/2013](#)
- [Último Segundo — IG](#): "Debate acadêmico: debates cresceram por dar vida a geração entediada"
[21/6/2013](#)
- [Folha de S.Paulo](#): "Debate aponta tédio e crise na democracia como causas"
[22/6/2013](#)
- [UOL — Notícias](#): "Manifestantes de hoje são filhos da democracia cobrando as promessas dela', diz pesquisador da USP"
[22/6/2013](#)
- [Público](#) (Lisboa, Portugal): "Dilma procura novo estilo político para satisfazer anseios populares"
[24/6/2013](#)
- [Sanlien LifeWeek](#) (China): entrevista com José Álvaro Moisés
[27/6/2013](#)
- [Nikkei Digital Media](#) (Japão): entrevista com José Álvaro Moisés
[15/7/2013](#)

Como Avançar?

- [Valor Econômico Online](#) — "Partidos devem se abrir aos movimentos de base, diz Singer"
[3/6/2013](#)
- [O Estado de S.Paulo](#): "Melhores serviços só depois de mais gastos?"
[4/6/2013](#)
- [O Estado de S.Paulo](#): "Nome de Lula 'está colocado' para 2014, diz ex-porta-voz"
[4/6/2013](#)
- [Valor Econômico](#) — "Movimentos sociais inspiram sindicatos"
[4/6/2013](#)

Encontro em Londres discute parcerias com a Rainforest Continent Business School

As possibilidades de colaboração de programas de pesquisa e instituições britânicas com uma Rainforest Continent Business School foram discutidas no dia **22 de julho**, às 10 horas, na Clarence House, residência oficial londrina e sede da fundação do príncipe Charles, do Reino Unido. O encontro foi uma realização do [The Prince's Charities' International Sustainability Unit](#) e do [Grupo de Pesquisa Amazônia em Transformação: História e Perspectivas](#) do IEA, que lidera a fase inicial de detalhamento do projeto da escola.

Representando o grupo de pesquisa, participaram do encontro a antropóloga e ambientalista Maritta Koch-Weser (coordenadora) e o professor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU) da USP e conselheiro da Secretaria de Meio Ambiente do Estado de São Paulo José Pedro de Oliveira Costa (vice-coordenador). Justin Mundy, diretor da Prince's International Sustainability Unit também esteve presente, bem como pesquisadores de várias universidades do Reino Unido e representantes de outras instituições britânicas.



A Clarence House, residência oficial londrina e sede da fundação do príncipe Charles, recebe debate sobre projeto liderado por grupo de pesquisa do IEA

As questões discutidas no encontro foram:

- o potencial de colaboração com programas especializados de pesquisa aplicada do Reino Unido relacionados com o desenvolvimento de negócios ambiental e socialmente sustentáveis em áreas de florestas tropicais nas Américas Central e do Sul, África e Ásia;
- as possíveis parcerias com programas de colaboração internacional de universidades britânicas nas áreas de biodiversidade, silvicultura, legislação ambiental e programas de negócios que possam contribuir com o desenvolvimento de programas de educação em negócios relacionados com florestas tropicais.
- os programas de escolas de negócios/MBAs potencialmente interessados em adicionar a educação em negócios em florestas tropicais em seus currículos.

Mesa-redonda em Washington analisa o projeto Rainforest Continent Business School

O Grupo de Pesquisa Amazônia em Transformação: História e Perspectivas realizou no dia **15 de maio**, no [Brazil Institute do Woodrow Wilson International Center for Scholars](#), em Washington, EUA, a mesa-redonda *Rainforest Continent Business School*. O objetivo do encontro foi debater iniciativa pioneira de criação da primeira escola de negócios voltada para que a preservação de florestas tropicais seja não só uma prioridade ambiental, mas também uma proposta de negócio.



Maritta Koch-Weser, do IEA, e Paulo Sotero, do Brazil Institute, durante a discussão

Representantes de agências governamentais, ONGs, universidades, empresas privadas e instituições internacionais participaram da mesa-redonda, mediada por Maritta Koch-Weser, coordenadora do Grupo. A ser analisado, discutido e aperfeiçoado ao longo de sucessivos encontros, o projeto busca oferecer treinamento especializado para o desenvolvimento de negócios científicos em florestas tropicais de forma competitiva, ambientalmente e socialmente sustentável, o permitirá que uma nova geração de profissionais desenvolva o potencial econômico *sui generis* da "floresta em pé".

Embora seja amplamente aceito que, potencialmente, a floresta em pé vale mais que os benefícios econômicos temporários derivados de sua destruição por atividades como extração de madeira, criação de gado, agricultura e mineração, a realidade é que, no Brasil e em outros países que abrigam florestas, não há instituições acadêmicas que ofereçam conhecimentos em *Rainforest Business* e treinamento especializado em negócios da floresta. O [projeto "Rainforest Continent" Business School](#) foi idealizado para preencher essa lacuna.

O projeto de criação de uma *Rainforest Business School* teve origem no IEA, em trabalho realizado pelo Grupo de Pesquisa Amazônia em Transformação: História e Perspectivas, coordenado por Maritta Koch-Weser. Em 21 de fevereiro, a antropóloga e ambientalista liderou uma [ampla discussão sobre a proposta](#) com cerca de trinta especialistas brasileiros, representantes de universidades, governo e instituições internacionais.

Relacionado

- **Vídeo** — [Apresentação do projeto Rainforest Continent Business School no Wilson Center](#)
- **Notícia** — [Grupo debate proposta de criação de uma Rainforest Business School](#)
- **Projeto** — [Rainforest Continent Business School](#)

Grupo debate proposta de criação de uma Rainforest Business School



O Grupo de Pesquisa Amazônia em Transformação: História e Perspectivas realizou no dia **21 de fevereiro**, na sede do IEA, a mesa-redonda *Valorização Econômica da Floresta em Pé: Novas Perspectivas para o Desenvolvimento de Recursos Humanos*.

O encontro reuniu um grupo chave de convidados com importante papel na agenda ambiental, climática e amazônica para apresentar e debater a proposta de desenvolvimento de uma primeira "Rainforest Business School". A iniciativa é voltada para a formação de recursos humanos em negócios sustentáveis na Amazônia, com o objetivo de suprir a demanda de especialistas com preparo para aproveitar o potencial econômico da floresta de pé.

Maritta Koch-Weser, coordenadora geral do Grupo, abriu a mesa com uma introdução sobre o tema. Em seguida, José Pedro de Oliveira Costa, professor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU) da USP e coordenador adjunto do Grupo, mediou um debate sobre as estratégias para viabilização do projeto no âmbito da política ambiental, científica e acadêmica e das possibilidades de colaboração interinstitucional.

Na segunda parte do evento, o advogado Fábio Feldmann, fundador da ONG SOS Mata Atlântica e ambientalista, facilitou a discussão entre os participantes sobre linhas de financiamentos e co-financiamento para as fases de preparação, planejamento e implementação da "Rainforest Business School", que devem levar cerca de três anos.

Na última parte, Koch-Weser conduziu um debate sobre passos e possíveis compromissos de colaboração e contribuições institucionais referentes à formatação de um programa de trabalho para 2013.

A partir do que foi discutido na mesa-redonda, o engenheiro agrônomo Warwick Manfrinato e arquiteta Maria de Lourdes Davies de Freitas, que compõem a direção executiva do projeto Amazônia em Transformação, darão andamento à criação da "Rainforest Business School".

Participantes



José Goldemberg
(IEE)



Paulo Nogueira-Neto
(IB)



Paulo Artaxo (IF)



Fabio Feldmann
(consultor)



Helena Ribeiro (IEA e FSP)



Luiz Gylvan Meira Filho
(IEA)



Maritta Koch-Weser
(IEA)



**José Pedro de Oliveira
Costa** (IEA e FAU)



Pedro Jacobi (IEA e FE)



Paulo Sotero (Brazil
Institute)



**Leandro Piquet
Carneiro** (IRI)



Ana Lúcia Azevedo
("O Globo")



Sérgio Mindlin
(Instituto Ethos)



Warwick Manfrinato (IEA)



Anne Gander
(BID)



Roberto Smeraldi
(Amigos da Terra)



Claudio Valladares Pádua
(IPÊ)



Denis Benchimol Minev
(Fapeam)



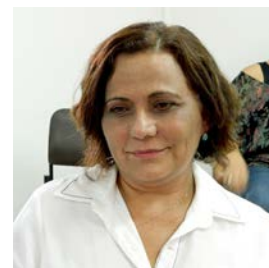
John Redwood
(NM Rothschild)



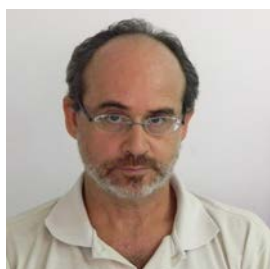
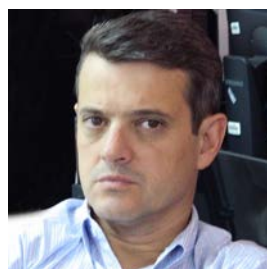
Betty Mindlin
(antropóloga)



Francisco Gaetani (MMA)

Gilberto Câmara
(PFPMCG)Henrique Rzezinski
(BG Brasil)

Ima Vieira (MPEG)

Henrique Paiva
(Siemens no Brasil)Marcelo Vespoli
Takaoka (CBCS)Sergio Weguelin
(BNDES)Tasso Azevedo
(engenheiro florestal)João Meirelles
(Instituto Peabiru)Maria de Lourdes
Davies Freitas (IEA)Luis Fernando Laranja
da Fonseca (Grupo
Orsa)Oswaldo dos Santos
Lucon (SMA)Roberto S. Waak (Amata
Brasil)Vânia Rudge
(Grupo Centroflora)

Relacionado

Notícias

- [Grupo debate proposta de criação de uma Rainforest Business School](#) (evento no IEA)
- [Projeto Rainforest Continental Business School será debatido no Wilson Center](#)

Vídeos

- [Valorização Econômica da Floresta em Pé: Novas Perspectivas para o Desenvolvimento de Recursos Humanos](#)
- [Apresentação do projeto Rainforest Continental Business School no Wilson Center](#)

Evento com a Universidade Princeton debate racismo em Cuba e no Haiti

Dois países do Caribe marcados por um histórico de exploração colonial, escravidão e bloqueio internacional e transformados por revoluções conduzidas pelo povo. Assim são Haiti e Cuba, duas nações que, apesar das inúmeras semelhanças, mostram-se bastante diferentes no que diz respeito ao racismo. E foi para discutir essas diferenças que o IEA realizou no dia **27 de junho** o painel *O Lugar da Raça: Debates Caribenhos Contemporâneos*.



Os pesquisadores Rachel Price, Lilia MoritzmSchwarcz (moderadora) e Nick Nesbitt durante o painel

Organizado em parceria com a [REDE GLOBAL COLABORATIVA "RAÇA E CIDADANIA NAS AMÉRICAS"](#) (Raca, na sigla em inglês), com apoio da Pró-Reitoria de Pesquisa (PRP) e da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária (PRCEU) da USP, o evento integra a agenda de atividades do acordo de parceria estratégica assinado pela USP e pela Princeton University, dos EUA. [VÍDEO](#) — [FOTOS](#)

O painel contou com exposições de Nick Nesbitt e Rachel Price, ambos professores da Princeton University, que falaram sobre a questão da raça no Haiti e em Cuba, respectivamente. A coordenação ficou a cargo de Lilia Moritz Schwarcz, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da USP, que também atuou como debatedora.

O PIONEIRISMO HAITIANO

Nesbitt abordou as relações entre raça e cidadania no Haiti a partir de uma perspectiva histórica. De acordo com ele, a questão do racismo no país sempre foi tratada como uma luta política, cujo maior exemplo seria a Revolução Haitiana (1791-1804), que resultou no primeiro território do mundo a abolir a escravidão e no primeiro estado a conquistar a independência pelas mãos de escravos.

Também conhecida como a Revolução do Jacobinos Negros, a Revolução Haitiana voltou-se contra a França colonizadora e escravocrata, mas, ironicamente, foi influenciada pelos ideais de fraternidade, liberdade e igualdade da Revolução Francesa e fortalecida pelo clima de incerteza gerado pelo período revolucionário francês.

Segundo Nesbitt, o jacobinismo negro começou como uma revolta de escravos, de caráter local, mas transformou-se numa revolução ao ampliar o escopo da luta e passar a lutar por dois objetivos: fundação de uma estrutura social na qual a discriminação racial e o sistema hierárquico baseado em subdivisões por tons

de pele deixassem de existir; e a universalização da luta, que deixou de ter como alvo apenas a escravidão de haitianos e passou a defender o fim da escravização de todos os seres humanos.

O HAITI PÓS-RACIAL

O pioneirismo haitiano teve um custo: os líderes revolucionários precisaram partir do zero para criar um estado republicano regido pela igualdade humana, algo sem precedentes até então. De acordo com Nesbitt, em função disso, os haitianos se depararam com perguntas sem respostas: "Como criar uma sociedade na qual a soberania popular não esteja alienada por uma hierarquia social e racial e na qual haja uma situação geral de justiça e igualdade?".

Para viabilizar a construção desse novo estado republicano pós-racial, François-Dominique Toussaint Louverture (1743-1803), maior líder da Revolução Haitiana, decidiu pela formulação de uma constituição num momento em que o país ainda lutava pela independência. Segundo Nesbitt, esse foi o primeiro documento do gênero a declarar que todos os homens tinham o direito de não serem propriedade de outros homens.

Após a deposição e morte de Louverture pelos franceses, Jean-Jacques Dessalines (1758-1806) assumiu a liderança e, com o fim da revolução, promulgou uma nova constituição, já no contexto de um estado independente. Nesbitt destacou que essa segunda constituição também foi marcada pela originalidade, pois declarou que todos os cidadãos do Haiti, independente de cor, eram negros. "A partir deste gesto inventivo, todo mundo se tornou negro, de modo que a categorização racial, ao invés de ser apagada, foi expandida, universalizada, e convertida em um atributo político de cidadania", disse o pesquisador.

Para Nesbitt, o caso haitiano merece atenção porque a tradição do jacobinismo negro aborda a questão da raça de forma muito específica, procurando não apagar as marcas das diferenças raciais, mas torná-las irrelevantes na hierarquia social e no âmbito dos direitos políticos.

A POLÊMICA CUBANA

Price abordou a conjuntura atual do racismo em Cuba, concentrando sua exposição na polêmica gerada em torno do artigo "[For Blacks in Cuba, the Revolution Hasn't Begun](#)" (Para os Negros em Cuba, a Revolução Não Começou), do escritor cubano Roberto Zurbano, publicado em 24 de março de 2013 no jornal americano "The New York Times".

Fazendo referência às medidas de abertura da economia cubana, Zurbano diz no artigo que "o setor privado em Cuba goza agora de certo grau de liberdade econômica, mas os negros não estão bem posicionados para tirar vantagem disso. Herdamos mais de três séculos de escravidão durante o período colonial espanhol. A exclusão racial continuou após Cuba se tornar independente em 1902, e meio século de revolução desde 1959 tem sido incapaz de superá-la".

O artigo gerou um intenso debate internacional em torno da questão da raça em Cuba e resultou na publicação de inúmeros outros artigos em resposta, alguns apoiando a visão de Zurbano, outros criticando o que seria o não reconhecimento dos ganhos que a Revolução Cubana teria proporcionado aos negros.

Segundo Price, trata-se de um debate que acontece fora dos espaços oficiais cubanos e é promovido sobretudo por jovens, blogueiros e artistas engajados no tema.

UMA QUESTÃO GLOBAL

Diante da grande repercussão do artigo, Zurbano declarou que o título foi mudado de última hora sem seu conhecimento, sendo o original menos controverso: "For Blacks in Cuba, The Revolution Isn't Over" (Para os Negros em Cuba, a Revolução não Terminou). Ainda assim, defendeu a decisão de publicar o texto no NYT, pois esta seria uma forma de alcançar um público para além da academia cubana.

De acordo com Price, o escritor afirmou que renunciar ao debate internacional significaria reduzir o impacto do artigo a velhos conceitos nacionalistas e não levar em consideração o processo de intercâmbio desigual gerado pelo turismo, pelas novas tecnologias da informação, pelas migrações e pela transnacionalização da cultura.

A pesquisadora destacou, ainda, que ao fazer sua réplica, Zurbano situou o racismo cubano como um fenômeno global: "Ele disse que não queria revisar a história, mas fazer questionamentos sobre o futuro; e, ao colocar em debate tanto os avanços históricos da revolução quanto o que vem pela frente, deixou claro que não há um caso especificamente cubano, pois a questão da raça seria global, e não apenas local".

O RACISMO EM CUBA

Para Price, a polêmica gerada pelo artigo de Zurbano trouxe à tona questões importantes relacionadas à raça em Cuba. Uma delas é a ideia de que o país não precisaria falar sobre raça porque, conforme teria declarado José Martí (1853-1895), herói da independência cubana, Cuba tinha uma aspiração pós-racial. Outro aspecto ressaltado na discussão é o da interferência dos Estados Unidos após a independência cubana, interferência que teria influenciado fortemente a condução da política racial na nova república e levado à extinção do Partido Independente de Color em 1912.

Além disso, segundo Price, tanto o texto de Zurbano quanto as respostas que suscitou chamaram atenção para aspectos ligados à raça em Cuba que devem ser discutidos, entre os quais: o histórico de desigualdade entre brancos e negros; a persistência da discriminação racial; as desvantagens dos negros para enfrentar a abertura econômica do país; os impactos do colapso da União Soviética sobre os negros, que teriam sido os maiores prejudicados; e a concentração de negros nos subúrbios.

Relacionado

- **Notícia** — [Evento debate racismo em Cuba e no Haiti](#)
- **Vídeo** — [O Lugar da Raça: Debates Caribenhos Contemporâneos](#)

Instituto de Estudos Avançados
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

CONSELHO DELIBERATIVO

Rudy Ruby Arellano,
Oswaldo Baffa Filho,
Luiz Roberto Giorgetti de Britto,
Roberto Mendonça Faria,
Martin Grossmann,
Sedi Hirano,
Ellen Gracie Northfleet,
João Palermo Neto
Guilherme Ary Plonski

DIRETOR

Martin Grossmann

VICE-DIRETOR

Luiz Roberto Giorgetti de Britto

POLO RIBEIRÃO PRETO

Coordenador
Oswaldo Baffa Filho
Vice-Coordenador
André Lucirton Costa

POLO SÃO CARLOS

Coordenador
Roberto Mendonça Faria
Vice-Coordenador
Hamilton Varela

DESTAQUES JUNHO-JULHO/2013

DIVISÃO DE COMUNICAÇÃO

Mauro Bellesa
Flávia Dourado
Sandra Codo
Leonor Calazans